

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

TRABALHO, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM UMA COMUNIDADE PESQUEIRA DE SANTA CATARINA - BRASIL.

Leila Procópio do Nascimento y Valeska Nahas Guimarães.

Cita:

Leila Procópio do Nascimento y Valeska Nahas Guimarães (2009). *TRABALHO, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM UMA COMUNIDADE PESQUEIRA DE SANTA CATARINA - BRASIL. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/830>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

TRABALHO, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO EM UMA COMUNIDADE PESQUEIRA DE SANTA CATARINA – BRASIL

Leila Procópio do Nascimento- UFSC - Brasil

Email: leilapron@gmail.com

Valeska Nahas Guimarães –UFSC – Brasil

Email: valeska_kenaz@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem sua origem em uma dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, no mestrado em Educação, em 2007, que teve como objetivo analisar as implicações da diversificação das atividades econômicas sobre o trabalho, a educação e as relações de gênero em uma vila pesqueira, a Vila de Palmas, município de Governador Celso Ramos, Estado de Santa Catarina, Brasil. Trata-se de um estudo exploratório pioneiro, no sentido de investigar se o processo de reestruturação econômica local engendrou novas exigências quanto à educação formal das mulheres. Para tanto, a pesquisa concentrou esforços em investigar se houve mudanças nas relações de trabalho e gênero e também registrou a manifestação das moradoras diante do processo de escolarização e de inserção do trabalho feminino nessa comunidade. Perseguindo uma orientação de análise crítica, o estudo remete-nos a uma reflexão sobre as alterações no trabalho e nas relações de gênero, processadas na gênese econômica e manifestada em nível local, mas que está integrada a uma reestruturação mundial do sistema de produção capitalista. O procedimento metodológico privilegiou um estudo de caso com abordagem qualitativa. As informações foram obtidas através de registros de campo, de documentos, questionário e de entrevista semi-estruturada. A pesquisa evidenciou a forte presença da mulher no âmbito das atividades domésticas, mas as relações de gênero ainda são bastante conflituais, pois, a despeito da mulher administrar a casa e ter responsabilidade direta na educação da prole, ainda permanece uma concepção de controle patriarcal sobre os seus destinos, tais como a possibilidade de escolarizar-se¹.

Palavras-chave: Reestruturação econômica. Educação. Relações de gênero.

INTRODUÇÃO

As mudanças no capitalismo nas últimas décadas têm provocado impactos radicais no mundo do trabalho, com conseqüências diretas na vida cotidiana dos trabalhadores. Nesse contexto, insere-se a mulher como protagonista, na busca por formação profissional e por superação das condições colocadas a ela no mercado de trabalho. Durante séculos, a mulher trabalhou limitada ao espaço do lar. Trabalhos estes considerados improdutivos

¹ Dissertação/pesquisa completa disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/>

frente ao modo capitalista de produção. No entanto, a tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem ser vistas isoladamente (SAFFIOTI, 1979, p. 33). Nesta perspectiva, há diversos estudos que focalizam a reestruturação econômica, bem como questões relacionadas ao mundo do trabalho e às relações de gênero associadas ao fenômeno global de integração das economias. Autores como Antunes (1995, 2005); Alves (2006); Scott (2002); Bruschini (1995); Saffioti (1979,1981); Hirata (1993), Holzmann (2000), Silva (2003), entre outros, propõem-se a analisar as mudanças e as implicações engendradas no movimento dos processos sociais, cada qual nas suas especificidades².

Historicamente, a educação sempre tendeu a evocar os valores conservadores, nutrindo uma tradição secular dos papéis masculino e feminino frente à ocupação de postos de trabalho. A educação na sociedade capitalista é, segundo Marx e Engels, “um elemento de manutenção da hierarquia social” (1993); ou o que Gramsci (1981) denominou como “instrumento da hegemonia ideológica burguesa”. Levantando a discussão para a questão da igualdade política, observada por eles como algo que é puramente formal e não passa de uma ilusão, visto que a desigualdade social é concreta e evidente. A situação descrita pelos autores atualmente não é diferente, uma vez que a perspectiva educacional ainda não superou as desigualdades de classe e gênero vivenciadas pela sociedade contemporânea. Nesta interlocução entre trabalho e educação, a intencionalidade da reflexão aqui levantada debruça-se sobre as influências que o sistema econômico tem na construção e definição do sistema educativo, na relação entre esses dois sistemas, atribuindo à educação um caráter produtivo e construtivo. Assim, o que justificou o presente estudo foi a necessidade de compreendermos as relações entre educação e trabalho, considerando que o processo de reestruturação do sistema capitalista põe novas exigências à formação feminina para um mercado de trabalho que, na sua gênese, não constitui democraticamente a igualdade salarial entre homem-mulher, em função da escolaridade.

ASPECTOS METODOLOGICOS

² No que diz respeito aos estudos direcionados à reestruturação do sistema de produção capitalista; trabalho; sujeito histórico e gênero.

As categorias de análise: trabalho, educação e relações de gênero subsidiaram a elaboração do questionário socioeconômico a fim de reconhecer quem são e como vivem/sobrevivem as mulheres de pescadores, da Vila de Palmas no município de Ganchos (SC-Brasil). A análise que se apresenta a seguir assenta-se nas observações registradas nas visitas de campo e nos dados quantitativos coletados com a aplicação do questionário semi-aberto, aplicado pela própria pesquisadora (na fase exploratória/preliminar). Para enriquecer a interpretação de alguns indicadores socioeconômicos, valemo-nos das falas acrescentadas pelas respondentes. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, fez-se uso da amostragem não probabilística, do tipo intencional, com “sujeitos escolhidos por determinados critérios” (Richardson, 1999, p. 160). Para esta pesquisa, nos limitamos a analisar a representatividade da população feminina da Vila de Palmas, delineando assim que participariam desta investigação as mulheres dos pescadores artesanais e industriais. Isto não se deu pretenciosamente com intenção de privilegiar este grupo em especial, mas no intuito de pesquisar um fenômeno particular que envolve o processo de escolarização e a inserção dessas mulheres no trabalho e na constituição familiar, em um grupo culturalmente açoriano³. Tendo em vista as restrições de extensão deste artigo, apenas alguns gráficos serão apresentados como ilustrativos das respostas ao questionário aplicado.

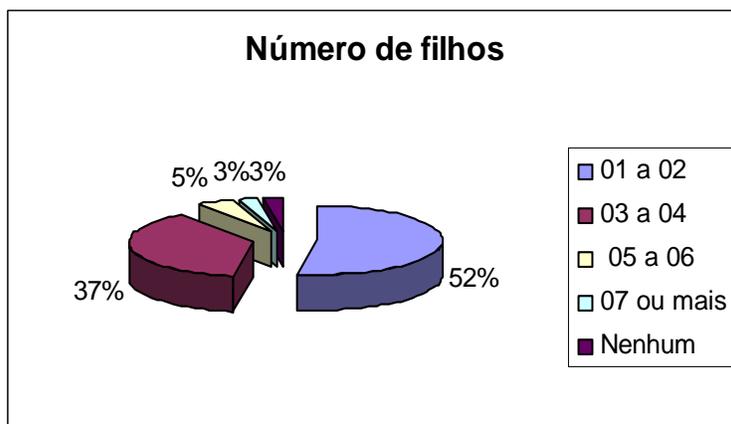
ALGUNS DADOS SOBRE O UNIVERSO PESQUISADO: QUEM SÃO E O QUE FAZEM AS MULHERES DE PESCADORES DE PALMAS?

As mulheres de pescadores entrevistadas possuem as mais variadas idades, desde a faixa etária dos 16 até os 56 anos de idade. Fato que marcou este momento foi a observação dos dados referentes à idade, justapostos aos dados do estado civil. Um número de 34, das 40 mulheres entrevistadas, casaram-se antes de completar 16 anos de idade. As mulheres associam o casamento precoce às dificuldades econômicas enfrentadas no passado pelas famílias que eram numerosas e pela rotina em que aparentemente viviam as mulheres, algumas delas ainda crianças. Outro aspecto analisado e que comparando os relatos, a mulher que buscava já no passado estudar, era recriminada. Há algumas décadas então, houve uma grande mudança nos hábitos. As mulheres das gerações anteriores tinham

³ Todos os depoimentos das entrevistas foram transcritos respeitando a regionalização. Neste caso, o dialeto açoriano/local.

muitos filhos. As famílias constituíam-se em média com 6 a 12 filhos, conforme assinala esta esposa⁴ *hoje em dia a gente tem menos filhos, acho que porque a maioria já pode estudar e tomar anticoncepcional. Minha sogra teve 12 filhos, minha mãe 11.* Hoje este aspecto mudou, conforme se pode observar nos dados a seguir:

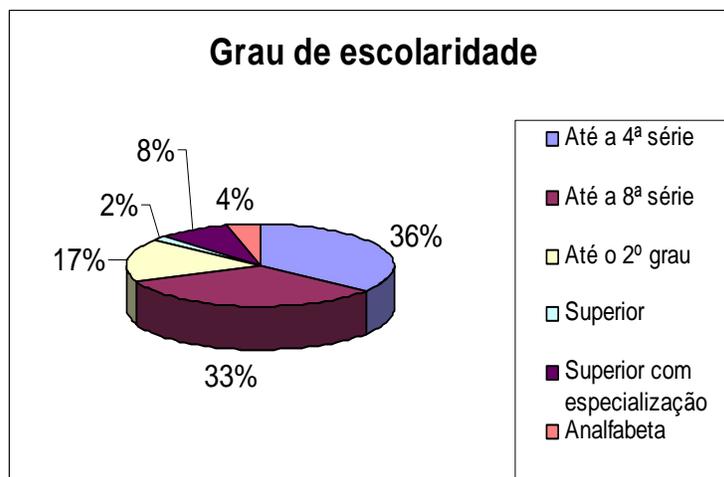
Gráfico 01



Fonte: dados primários

Por sua vez, o grau de escolaridade atingido pelas mulheres é um aspecto que está intimamente relacionado com a questão do matrimônio precoce, dos hábitos culturais e da estrutura econômica local. O Gráfico a seguir, apresenta dados relativos ao grau de escolaridade das entrevistadas.

Gráfico 02



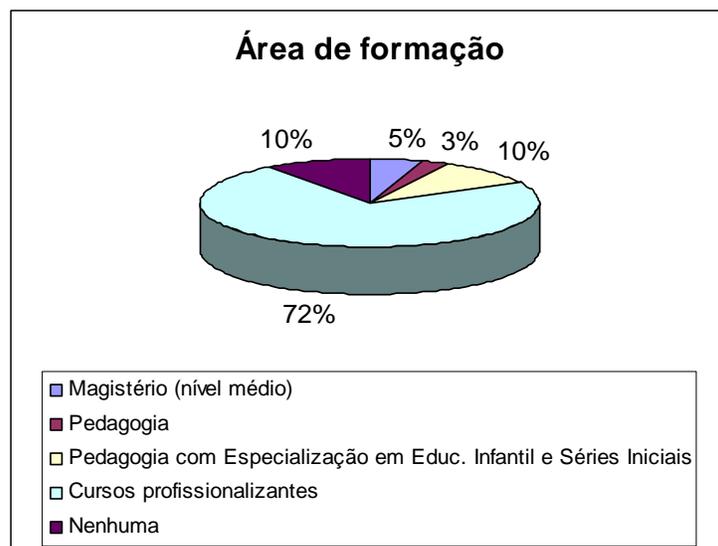
Fonte: dados primários

4

Esposa 22: Professora/Magistério e Dona de casa. 56 anos de idade.

Das 40 mulheres, oito concluíram o ensino Médio (2º grau) e apenas cinco cursaram o ensino superior. Mas há casos em que algumas mulheres nunca frequentaram a escola formal, como mostram os dados do gráfico a seguir:

Gráfico 03



Fonte: dados primários

Relacionando o grau de escolaridade atingido pelas mulheres de pescadores com a área de formação de cada uma delas, sobressaem-se os cursos profissionalizantes, neste caso, 29 mulheres realizaram algum tipo de curso profissionalizante tais como: cozinheira (13%), costureira (22%), artesã (29%), cabeleireira e manicure (8%); são as que atingiram no máximo o nível médio. As mulheres com nível superior que seguiram uma carreira no serviço público como professora, por exemplo, justificam que não têm tempo livre para se envolver em grupos comunitários e tampouco aprender algum tipo de artesanato. A maioria delas não recebe ajuda, tampouco podem contratar uma empregada doméstica. Algumas das mulheres entrevistadas se percebem num processo de precarização do trabalho e colocam o advento das mudanças na economia do lugar, como principal fomentador das mudanças no trabalho e nas relações de gênero. Outras se vêem no processo, são protagonistas nele, mas curiosamente, o que elas mais temem: o machismo, o casamento prematuro e a limitação da representação feminina ficar apenas no âmbito doméstico. Sem perceber, perpetuam e alimentam alguns hábitos – no sentido de pensar que as tarefas do lar devam ser exclusivamente femininas, como podemos observar no

argumento desta moradora⁵ ao ser indagada sobre o que desejaria para o futuro de sua filha, “Que seja uma baita de uma dona de casa. Que ela seja uma boa dona de casa, bem limpinha. Mulher de pescador não, de jeito nenhum. Porque sofre muito. Pra mim, ela tem que ser uma dona de casa”.

Impossível não refletir sobre o paradoxo e a contradição que se abre diante do discurso desta mulher. Contraditoriamente ela própria deflagra a difícil tarefa de ser mãe e dona de casa sendo esposa de pescador. Porém, ‘alimenta’ o desejo de sua filha não vir a ser uma esposa de pescador no futuro. Mas na medida em que quer garantias de que sua filha seja uma mulher ‘bem limpinha’, neste mesmo sonho maternal perpetua a vontade ‘romântica’ de que sua filha eternize uma ‘qualidade’ – atribuída por este grupo social – onde se associa dignidade, em cumprimento dos afazeres do lar.

REFLEXÕES FINAIS

Constatou-se na pesquisa que a reestruturação econômica local passou a exigir dos moradores uma demanda por qualificação profissional⁶, o que conseqüentemente delineou uma nova configuração no trabalho e nas relações de gênero estruturadas em Palmas, visto que a própria divisão sexual do trabalho que antes estava restringida às mulheres a participação nos afazeres domésticos e cuidados com a prole, passou a ser mais ampla. A partir desta reestruturação econômica, uma parcela⁷ das mulheres desenhou uma trajetória de busca pela educação formal, seja nos serviços no setor público ou privado, inserindo-se no mercado de trabalho.

A condição de precarização das atividades exercidas por estas mulheres – foi outra questão suscitada no decorrer desta pesquisa – obviamente dar-se-á pela condição de expropriação que o próprio sistema do capital faz no âmbito de outras atividades de trabalho. No entanto, para as mulheres de pescadores, o que veio a caracterizar esta condição de precarização é o fato de que as atividades exercidas nos postos de trabalho fora

⁵ Esposa 03: Dona de casa, diarista, cozinheira e artesã. 33 anos de idade.

⁶ Daí insere-se a análise sobre a condição de inserção da mulher neste processo, posto que, declarado nas entrevistas, a própria condição feminina, é subjugada pela dominação masculina, neste grupo social.

⁷ Das 40 entrevistadas, apenas duas nunca estudaram/não estão alfabetizadas.

de casa são, em sua maioria⁸, as mesmas atividades exercidas em seu lar, tais como: cozinheira, faxineira, camareira, entre outras. Neste caso, a pesquisa de campo revelou que, se por um lado as mulheres assumiram funções importantes na esfera profissional e alcançaram melhores posições sociais, por outro lado, em relação à sua posição na esfera familiar, praticamente não houve mudanças. Neste grupo social, as tarefas domésticas ainda recaem exclusivamente sob a responsabilidade da esposa/mãe. Esta trabalha fora de casa para contribuir com as despesas do lar e também assume a responsabilidade de cuidar dos filhos/as, bem como a administração do lar. São donas de casa que executam um trabalho doméstico por meio do qual se realizam as tarefas do cuidado e reprodução da vida, um elemento fundante da divisão sexual do trabalho e, portanto, funcional e integrado ao modo de produção capitalista (KERGOAT, 1989).

Essas mulheres cumprem dupla jornada de trabalho e, na maioria dos casos pesquisados, desempenham as mesmas atividades domésticas fora do lar, porém, realizando atividades de forma assalariada nas quais, ao contrário do trabalho doméstico não remunerado, caracteriza-se como ‘trabalho produtivo’. Ou seja, aquele que segundo Marx, “no sistema de produção capitalista – produz mais valia para o empregador ou que transforma as condições materiais de trabalho em capital e o dono delas em capitalista, por conseguinte trabalho que produz o próprio produto como capital” (MARX, 1987, p. 391). Contrapondo-se a essas dificuldades, as mulheres ainda perseveram na busca pela escolarização, objetivando um futuro mais promissor com a possível aquisição de um grau de escolaridade de nível superior. Algumas declarações das mulheres entrevistadas foram de sobremaneira marcantes e denotavam ampla convicção acerca do papel que a educação representou nas suas vidas, “Se eu não tivesse feito a graduação eu seria uma dona de casa. Eu ia ficar uma ‘anta’ dentro de casa, só nesse mundinho”⁹.

Mas, nessa busca pela escolarização, constata-se que a mulher se integra no mercado de trabalho sob as mais variadas condições, efetivando a lógica do mercado e confirmando que o capitalismo, ao mesmo tempo em que cria condições para a emancipação feminina, acentua a sua exploração ao estabelecer uma relação aparentemente “harmônica” entre a mulher e o trabalho, onde se criam formas diferenciadas de extração do

⁸ Das 40 entrevistadas, apenas sete ocupam cargos em serviços públicos. Todas as outras exercem atividades relacionadas a setor hoteleiro.

⁹ Esposa 07: Professora/Pedagoga. 29 anos de idade.

trabalho excedente. Quando se toma o trabalho em seu sentido ontológico, pode-se ver que ele possibilita um salto efetivo no longo processo da emancipação feminina. O fato de, no decorrer de suas trajetórias terem sempre ficado sob a tutela de alguém – na infância, dos pais; e na fase adulta, do esposo – condicionou esta situação hegemônica masculina nesta comunidade? A naturalização dessas mulheres em relação à dominância masculina, neste grupo social, e a forma com que algumas delas inconscientemente transferem estas ‘crenças’ para as gerações futuras, (embora o discurso contraditório de antemão não represente isso) fica evidente na fala a seguir, “Se eu pudesse escrevia minha história diferente, mas não sei se conseguiria, porque lá na minha época, as condições e as pessoas seriam as mesmas, e reforça: “Mulher de pescador é o pai e a mãe, ela é responsável por tudo. Não quero esse destino pra minha filha”. Deve-se aqui relativizar, na medida em que há uma “abertura de horizontes” para esse processo de conscientização. Esta informação corrobora com a reflexão proposta por Meszáros (2005, p. 45) sobre “a educação formal” e as perspectivas condicionadas por quem a conquista, acreditando que se tornará essencial no processo de busca pela escolarização, equivocando-se. Isto porque, segundo o autor, é a educação formal “a força ideologicamente primária que consolida o capital”.

Relevante para reflexão nesse aspecto é também a afirmação de Kergoat (1989) de que a estrutura da divisão sexual permanece inalterada, mesmo que as mulheres tenham realizado uma série de “conquistas” importantes. No caso das mulheres entrevistadas, o que desvela este aspecto é a condição de submissão, evidenciada em seus depoimentos, ainda que esta condição seja muitas vezes imperceptível a elas mesmas. Assim, quando uma das entrevistadas refere-se ao seu esposo dizendo: *me ajudou bastante. Até me deu dinheiro para pagar inscrição na época de vestibular e não me proibiu de estudar*¹⁰, o que ela considera um privilégio “concedido” por seu esposo, está intimamente relacionado com a esfera da liberdade, da emancipação humana, da autonomia decisória. E, a despeito das limitações do presente estudo face ao delineamento e delimitação do tema, salientamos que esta pesquisa pode suscitar novos estudos críticos sobre o papel da educação na perspectiva de análise das relações de gênero.

REFERÊNCIAS

¹⁰ Esposa 01: Professora/Pedagoga e Dona de casa, 41 anos de idade.

ABREU, Alice Rangel de Paiva. Especialização flexível e Gêneros: debates atuais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, V.8, p. 52-57, janeiro/março, 1994.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
_____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3 Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho feminino no Brasil**: avaliação dos anos oitenta e perspectivas para o futuro. São Paulo: Ildes/FES, dez. 1995.

_____. **Mulher e trabalho**: uma avaliação da década da mulher. São Paulo: Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho**. Artigo publicado em 1993. http://www.adufpbjp.com.br/publica/conceitos/7/art_01.pdf – Acessado em 21 de janeiro de 2007.

HOLZMANN, Lorena. Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. **Sociologias**, Porto Alegre, n.4, julho/dezembro 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo> – Acesso em 16 jun. 2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. www.ibge.gov.br

KERGOAT, Danièle. **Da divisão do trabalho entre os sexos**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, USP, v.1, n.2, p.88-96, jul./dez. 1989.

MARX, K. **O Capital**. Crítica da Economia Política. **Livro I, Volume I**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 9 Ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.

MÉSZAROS, Istvan. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

RICHARDSON, Roberto J., PERES, José Augusto de Souza. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 Ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth . **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Emprego doméstico e capitalismo.** Rio de Janeiro: Avenir, 1979.

_____. **Do artesanal ao industrial - a exploração da mulher.** São Paulo: HUCITEC, 1981.

SANTOS, Robinson dos. **Considerações sobre a educação na perspectiva marxiana.** Revista Espaço acadêmico, n. 44, janeiro de 2005. www.espacoacademico.com.br/044/44pc_santos.htm

SCOTT, Joan Wallach. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 309p ISBN 8586501239 (encad), 2002.

SILVA, Cristiani Bereta da. **As fissuras na construção do novo homem e da nova mulher: relações de gênero e subjetividades no devir MST – 1979/2000.** Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.